

Artes visuais

Ferreira Gullar

Picasso, Moore e Arp vão esculpir o Monte Sacro

Picasso, Arp, Moore, Signori, Manzu, Dunchi e Céline Chalème serão alguns dos escultores convocados para a mais gigantesca obra escultórica dos tempos modernos: vão esculpir o Monte Sacro, ponto culminante da cadeia montanhosa da Toscana, donde se extrai o famoso mármore de Carrara.

A idéia de esculpir êsse Monte, que fica a 1700 metros acima do Mar Tirreno, foi concebida por Miguel Ângelo, em 1560. Conta Guy Darbois (*Le Figaro Littéraire*, 13-1-62), que Miguel Ângelo tinha o hábito de ir buscar em Carrara o mármore para suas obras, e que maravilhado com a pureza daquelas rochas, pensava poder um dia esculpir o Monte Sacro. Mas morreu sem realizar o seu sonho, e, durante séculos, os escultores continuaram a se servir do mármore de Carrara, obrigando-se a extrai-lo cada vez de pontos mais altos. Até que chegou o dia em que se teve de construir um teleférico para fazer descer os blocos de pedra para as cidades da planície. Mas, eis que, há alguns meses, sucedeu um fato irreparável: o teleférico se rompeu, de maneira que será impossível consertá-lo.

Os marmoreiros não tiveram outra saída senão construir uma estrada na rocha, da base ao cume da montanha. Aberta com objetivos puramente econômicos, essa estrada revelou, entretanto, um aspecto fascinante: os trabalhadores viram diante de si uma fachada de mármore puro, de 200 metros de comprimento e variando de quatro a seis metros de altura, mas de um só bloco.

Essa descoberta maravilhou todos os especialistas e, ao mesmo tempo, os deixou perplexos. Cortar êsse bloco de matéria pura, fragmentá-lo, seria um crime. Mas, que fazer dêle? Foi então que um conselheiro municipal de Carrara, M. Boc-

celli, propôs que se retomasse o projeto de Miguel Ângelo. "É necessário que os escultores trabalhem aqui mesmo — disse êle. Os maiores escultores de hoje. E juntos. Há mármore bastante para todo mundo."

O projeto é recente, e a sua realização levará, decerto, muito tempo. Mas já a idéia começou a circular, despertando o interesse de artistas e mecenas. E todos estão convencidos de que, embora tal empreendimento implique em vencer enormes obstáculos práticos e financeiros, o projeto é tão fascinante que tais dificuldades não devem impedir-lhe a realização.

A propósito do quadro desaparecido de Maria Helena Vieira da Silva

Divulgamos aqui, semana passada, a notícia da constatação do desaparecimento de um quadro de Maria Helena Vieira da Silva, que fôra exposto na II Bienal de S. Paulo e doado ao Museu de Arte de Araraquara. Segundo informações de um funcionário dêste Museu, o quadro não teria chegado a Araraquara. O Sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, em face de nossa notícia, declarou a um jornal paulista que o quadro não tinha sido adquirido, mas voltara para Paris, estando atualmente com a própria pintora. Cita um telegrama de Maria Helena Vieira da Silva para confirmar essa afirmação. Dá o caso como encerrado e sugere que tal notícia visava desmoralizar o MAM paulista. Não é verdade. O Diretor do MAM paulista, Mário Pedrosa, é nosso amigo íntimo. O próprio Ciccilo só nos tem tratado com cortesia e distinção. Sucede, apenas, que problemas como o que abordamos sobre-põem-se às relações de camaradagem pessoal.